



IMORAIS E INDECENTES: ODAIR JOSÉ E AGNALDO TIMÓTEO E A SUBVERSÃO DA MORAL E DOS BONS COSTUMES PELA MÚSICA CAFONA

Matheus Bomfim e Silva¹

RESUMO

Durante a década de 1970 no Brasil muitos artistas fizeram sucesso cantando baladas românticas, como Odair José e Agnaldo Timóteo, e foram taxados de "cafonas" pela mídia e pelos pesquisadores da música brasileira, acusados de fazerem uma música alheia às questões sociais e políticas do país. Em contraste com a recém formada MPB, que tinha o objetivo de ser uma arte engajada e questionadora do regime militar. Entretanto, com base na análise das letras e leitura de bibliografia sobre o período citado e a ditadura militar, percebemos que tanto Odair e Agnaldo questionaram a moralidade vigente e deram protagonismo a grupos marginalizados, como a prostituta e os homossexuais. Odair José teve canções censuradas por irem contra a moral e bons costumes defendidos pelo regime e setores da sociedade e Agnaldo Timóteo compôs uma trilogia de canções sobre os sentimentos dos homossexuais. O seguinte trabalho mostra que mesmo cantando sobre esses temas importantes e sofrendo censura, esses artistas sofreram preconceito por parte de grupos intelectuais e em consequência foram pouco discutidos na nossa historiografia sobre música e censura durante o regime militar pós golpe de 1964.

Palavras-chaves: Música; Brega; Moral.

ABSTRACT

During the 1970s in Brazil, many artists were successful singing romantic ballads, such as Odair José and Agnaldo Timóteo, and were labeled "cheesy" by the media and by Brazilian music researchers, accused of making music alien to the social and political issues of parents. In contrast to the newly formed MPB, which had the objective of being an engaged and questioning art of the military regime. However, based on the analysis of the letters and bibliography reading about the mentioned period and the military dictatorship, we realize that both Odair and Agnaldo questioned the prevailing morality and gave prominence to marginalized groups, such as prostitutes and homosexuals. Odair José had songs censored for going against the morals and good customs defended by the regime and sectors of society and Agnaldo Timóteo composed a trilogy of songs about the feelings of homosexuals. The following work shows that even singing about these important themes and

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Ceará, membro do Grupo de Estudos História e Documento: reflexões sobre fontes históricas, matheusbonfimce1998@gmail.com



suffering censorship, these artists suffered prejudice from intellectual groups and, consequently, they were little discussed in our historiography on music and censorship during the military regime after the 1964 coup.

Keywords: Music; Brega; Morality

INTRODUÇÃO

Quando artistas como Odair José, Waldick Soriano, Agnaldo Timóteo, entre outros, surgiram no cenário musical brasileiro, eles foram chamados de *cafonas*, termo divulgado pelo jornalista e compositor Carlos Imperial² na década de 1970. A partir dos anos 1980 o termo brega passou a ser utilizado (ARAÚJO, 2002, p.20). De acordo com o dicionário Michaelis, brega significa “[...] aquele que não tem maneiras elegantes ou revela pouco refinamento e mau gosto; cafona”³. Assim, fica claro o teor pejorativo no emprego do termo e o modo com o qual tal adjetivo serviu para desmerecer esses artistas.

Na década de 1960, foi criado o Centro de Cultura Popular da União Nacional dos Estudantes (CPC/UNE), com o objetivo de participar dos debates políticos, discutir nacionalismo e valorização do povo por meio da arte. De acordo com Vinícius Rodrigues Alves de Souza (SOUZA, 200?), nesse período o universo acadêmico era guiado por uma ideário nacional-popular e esses acadêmicos viam a necessidade de uma vanguarda intelectual para se chegar à revolução e ajudar o povo, sendo este visto como alienado e sem competência para resolver seus conflitos internos. Para tal grupo, a arte era a base da ação política e qualquer tipo de arte desvinculada dessa militância era vista como alienada. Deste modo, para o grupo, artistas cujo trabalho não estivesse dentro da visão defendida não se adequam ao projeto de arte engajada.

Além disso, de acordo com Paulo Cesar de Araújo (ARAÚJO, 2006, p.196), até 1965 a música popular brasileira do meio universitário era chamada genericamente de bossa nova, em razão da fama de João Gilberto. Todavia, em decorrência do sucesso de Roberto Carlos, a partir de 1965, o ambiente musical começou a se determinar como MPB, Música Popular Brasileira, sigla que surgiu como uma bandeira nacionalista que lutava

² Carlos Imperial foi um dos responsáveis pela consolidação do rock no Brasil e responsável por revelar Roberto Carlos. AS HISTÓRIAS de Carlos Imperial. In: IMMUB. IMMUB, 24 nov. 2020. Disponível em: <https://immub.org/noticias/as-historias-de-carlos-imperial>. Acesso em: 30 nov. 2021.

³ MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 30 de maio de 2021.



contra a invasão da música estrangeira no Brasil enquanto, ao mesmo tempo, intencionava nortear a produção da chamada "música de protesto".

Fora dessa discussão estavam artistas como Odair José e Agnaldo Timóteo, cantando baladas românticas, sem questionar o regime militar e não se enquadrando, portanto, na chamada MPB, consumida majoritariamente pelas elites. Apesar disso, com altas vendas, suas produções musicais faziam bastante sucesso entre grande parte da população brasileira, em especial entre as classes mais baixas (ARAÚJO, 2015, p.15-32).

Acreditamos que essa situação com o CPC e a MPB não foram determinantes, mas ajudaram no apagamento desses artistas da nossa historiografia. Tal assunção leva em consideração que a bibliografia sobre música popular pouco discutiu o repertório cafonas, considerando os grandes pesquisadores do tema, como José Ramos Tinhorão, Zuzana Homem de Melo, Ruy Castro, Hermínio Bello de Carvalho, entre outros (ARAÚJO, 2015, p.22). Quando citados, o são de forma negativa, como no livro *História & Música*, em que o autor classifica a produção desses artistas de simplória e tosca (NAPOLITANO, 2002, p.71). Na maioria das vezes, quando se fala em música na ditadura, apenas a chamada MPB é lembrada, como a única vertente que questionou o governo, por ser politizada, engajada e com renovações na estética musical.

Todavia, com base na análise das letras de algumas das músicas dos artistas "cafones", como por exemplo "*Eu vou morar com ela*" (1970), Odair José questionou o valor moral do casamento e, em outra oportunidade, cantou uma declaração de amor a uma prostituta em "*Eu vou tirar você desse lugar*" (1972). Agnaldo Timóteo, por sua vez, escreveu canções falando sobre relações homossexuais, como é o caso de "*Galeria do Amor*" (1975). Percebemos que esses cantores narravam sua visão do cotidiano, contestaram os valores morais defendidos pelo governo e parte da sociedade e, em alguns casos, chegaram a sofrer censura por tocarem em assuntos sensíveis para o período.

Agnaldo Timóteo apesar de na mídia possuir uma imagem de " másculo e bravo" (ARAÚJO, 2015, p.142) fez músicas com temática homossexual, enquanto Odair José, sem nenhuma formação acadêmica, fez letras ácidas que colocavam em xeque a moral vigente.

Este trabalho tem por objeto a análise de parte da obra destes dois artistas em especial, contextualizando-a junto ao panorama político e social de sua produção. Analisaremos algumas letras compostas por eles e um caso de censura sofrido por Odair José. Reforça-se que a análise deste trabalho não tratará do caráter musical, em uma perspectiva da teoria musical, dos artistas e de suas obras.



O TERROR DAS EMPREGADAS

Odair José de Araújo nasceu em Morrinhos, em 1948, e desde criança teve interesse pela música. Ouvia de Neil Sedaka à Tonico e Tinoco. Quando estava perto de completar os 18 anos, decidiu ir para o Rio de Janeiro tentar contrato com uma grande gravadora. Infelizmente, não foi fácil como esperava. Teve que morar na rua e tocar na noite do Rio, onde teve contato com prostitutas e pessoas das mais diversas camadas sociais, até que conseguiu contrato com a CBS⁴. Essa vivência nas ruas influenciou bastante nas suas composições, como veremos a seguir.

Em 1971, Odair lança seu segundo disco⁵ pela CBS, o LP intitulado *Meu Grande Amor*, uma das faixas se chama *Vou Morar Com Ela*:

O meu amor
Foi aumentando
Cresceu demais
E uma hora por dia
Já não resolve mais[...]
Não suporto mais viver longe dela
Não aguento mais, eu vou morar com ela[...]
Minha família pensa até que eu enlouqueci
Que eu enlouqueci
Mas agora eu sei
Que mais nada adianta
Estou muito na dela
E por mais que me esforce
Eu não vivo sem ela[...] (JOSÉ, PINTO, 1971)

A letra conta a história de um rapaz com sua amada e que decide ir morar com ela a todo custo. À primeira vista o teor da letra pode parecer simples, mas se nos atentarmos aos detalhes e ao contexto brasileiro da época, vemos que Odair vai contra um valor da sociedade: o casamento. Em nenhum momento da composição o artista fala em formar família, em se casar, seguir o “padrão”, o esperado, ele apenas quer morar com a amada e

⁴ Columbia Records, gravadora americana, que no Brasil usava a CBS como distribuidora. COLUMBIA RECORDS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Columbia_Records&oldid=60584591>. Acesso em: 6 mar. 2021.

⁵ O primeiro disco foi o LP intitulado Odair José, de 1970.



viver seu amor em paz. Lembremo-nos que antes do Golpe Civil-Militar houve a “Marcha pela Família, com Deus pela Liberdade”, em que grupos religiosos defendiam os valores cristãos e a família como base de uma sociedade decente.

Por mais que o Brasil passasse por um regime autoritário, as mudanças comportamentais chegaram, em parte por influência da cultura hippie, a música dos Beatles e todo o movimento de contracultura (SETEMY, p. 177). Porém, não foi dessa vez que Odair foi alvo da censura moral, como será mostrado mais à frente.

O ano de 1972 seria aquele em que Odair estouraria nas paradas de sucesso e teria seu primeiro contato com a censura. Nesse ano, Odair lança um compacto simples com a música "*Eu vou tirar você desse lugar*", canção que antes mesmo de ser lançada já teria causado desentendimento dentro da CBS, visto que o produtor responsável não achou a temática boa. Argumentava que se tratava de uma música de mau gosto, deixando explícito, assim, que a questão da moralidade não partia apenas do governo militar, mas também de vários setores da sociedade. É razoável considerar que "*Eu vou tirar você desse lugar*" seja a canção mais conhecida de Odair José. Ela conta a história de um homem que se apaixona por uma prostituta:

Olha, a primeira vez que eu estive aqui
Foi só pra me distrair
Eu vim em busca do amor
Olha, foi então que eu lhe conheci
Naquela noite fria, em seus braços
Meus problemas esqueci
Olha, a segunda vez que eu estive aqui
Já não foi pra distrair
Eu senti saudades de você
Olha, eu precisei do seu carinho[...]
Eu vou tirar você desse lugar
Eu vou levar você pra ficar comigo
E não me interessa o que os outros vão pensar[...]
Eu quero que você não pense em nada triste
Pois quando o amor existe
Não existe tempo pra sofrer[...] (JOSÉ, 1973)

A cultura latino-americana é bastante influenciada pelo cristianismo, o que ajudou a associar a figura feminina ao pecado e à tentação, em razão da figura de Eva e sua posição



como responsável por fazer Adão comer o fruto proibido. Foi, portanto, construída uma imagem da mulher como um perigo para o homem. Em decorrência disso, criou-se no imaginário dois tipos de mulheres: a mulher submissa ao homem, como a mãe, a dona de casa, figura sagrada como Maria, a mãe de Jesus, e a mulher insubordinada, que não está sob o julgo masculino (MEIS).

A partir desta lógica, a prostituta se enquadraria na segunda categoria: uma mulher que vende o corpo para satisfazer os desejos masculinos. Destaca-se, entretanto, que a natureza da atividade da prostituta cria, inevitavelmente, uma relação dúbia, além de contraditória. Ao mesmo tempo que é julgada, seu serviço é perenemente contratado, conforme tal atividade passa a constituir o meio de subsistência daqueles que a exercem. Como é de conhecimento geral, formou-se uma figura marginalizada na nossa sociedade - a “puta” -, a mulher que não “se dá valor”. Sendo ainda o sexo um tabu, algo restrito ao casamento, a prostituição subverte tal paradigma moral, vez que o transforma em mercadoria e quebra essa “regra social”.

No Brasil, a prostituição não é criminalizada, apesar da repressão por parte da polícia. Sabemos, contudo, que as prostitutas não estão isentas de pena em nossa sociedade. O preconceito e a conseqüente marginalização são fardos diariamente imputados. Odair José teve contato direto com prostitutas, já que quando saiu de Morrinhos, Goiás, para o Rio de Janeiro, em busca de contrato com uma grande gravadora, teve que morar na rua, já que ao sair de casa levou consigo dinheiro suficiente para apenas uma semana de hotel, como ele narra em várias entrevistas.

Depois de um tempo, começou a tocar nos “inferninhos” e em casas noturnas, onde conheceu prostitutas e pessoas de várias classes sociais⁶. Odair afirma que estava viajando com outros músicos no período que a canção foi lançada e foi pego de surpresa por ela ter estourado sem divulgação por parte da gravadora. Afirma ainda que não participou de nenhuma peça de divulgação e que com essa música vendeu mais discos do que se tinha vitrolas no país⁷. Contudo, o que podemos afirmar com certeza é que a música ficou em primeiro lugar nas paradas de rádio do Rio de Janeiro, na segunda semana de maio de 1972 (CAVALCANTI, 2015, p.56).

Essa canção, que narra a relação de um homem com uma prostituta, se tornou a canção de ninar do filho de Nara Leão (ARAÚJO, p.149), outro exemplo da força que a música teve naquele ano de 1972. Em resumo, a letra narra a história de um homem que vai a um bordel, para se divertir, ter prazer, representado na frase “só pra me distrair”, mas que,

⁶ ODAIR JOSÉ – DE MORADOR DE RUA AO CONTRATO COM A CBS | 50 ANOS DE CARREIRA | PARTE 1. Disponível em: <https://youtu.be/tshg8vhIZE4>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

⁷ ODAIR JOSÉ | MUSIC THUNDER VISION. Disponível em: <https://youtu.be/6JRdNBWZN4o>. Acesso em: 20 de maio de 2021.



ao invés de apenas se distrair, o personagem acaba se apaixonado pela prostituta e volta lá mais uma vez movido por essa paixão, declarando-se para a mulher, afirmando que não consegue mais tirá-la da cabeça e que está disposto a tirar ela “desse lugar”, é interessante notar que palavras como "bordel", "prostíbulo" ou "cabaré" nunca são citadas na canção. Talvez tenha sido uma escolha do autor para não ser polêmico, talvez tenha sido simplesmente uma escolha poética.

O eu lírico afirma que sabe que sua amada tem medo de que seu passado vá sempre a perseguir, mas pondera que não se importa com a opinião alheia, com o preconceito, já que no final das contas o que importa é o amor entre os dois. Hoje, a música pode parecer boba, mas cantar tais versos durante a vigília moral da ditadura era muito subversivo. Odair vai contra os preconceitos da sociedade e coloca a prostituta como uma figura central, uma mulher que merece respeito e tem todo o direito de amar e ser amada, como qualquer outra.

Com o grande sucesso, Odair é chamado pelo governo para prestar explicações acerca da letra. O refrão chamou atenção dos militares, que acharam se tratar de uma crítica velada ao governo. Devemos lembrar que o governo de Emílio Médici (1969-1974) foi um período de muito ufanismo, por conta do “milagre econômico” e foi criado o slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Levando isso em conta, podemos entender que o interesse dos militares pelo refrão não era infundado.

Entretanto, Odair explicou que não estava falando da situação política do país, mas sim contando a história de um homem que se apaixonou por uma prostituta e quer tirar ela da prostituição. Foi aí que ouviu um “piorou” e por causa disso suas músicas passariam a ser submetidas, a partir de então, a uma censura prévia⁸, não poderia lançar nenhuma canção sem aprovação da censura, mostrando que o governo o enxergava como um subversivo.

Lembremos que naquele contexto se tinha discussões sobre as ameaças à juventude, sobre liberdade, e começaram os choques com os preceitos religiosos sobre os modelos de família. Por mais que no Brasil da década de 1970 a juventude tenha sofrido repressão pelo Regime Militar, houve quebras de regras de sexualidade, padrões de relacionamento e da própria lógica do casamento, todas essas mudanças influenciadas pela contracultura. Para o Regime isso era uma ameaça à Segurança Nacional (DUARTE, 2017 p.49-50), pois uma das formas pelas quais os militares acreditavam que os comunistas dariam um golpe seria aliciando a juventude. A exemplo disso, em 1969, foi instaurada a disciplina de Educação, Moral e Cívica nas escolas e no ensino superior (DUARTE, 2017,

⁸ ODAIR JOSÉ - A CENSURA, A PÍLULA E O FILHO DE JOSÉ E MARIA | 50 ANOS DE CARREIRA | PARTE 3. Disponível em: <https://youtu.be/LCxYytKyevU>. Acesso em: 20 de maio de 2021.



p.47). A censura foi um instrumento político legalizado e usado como forma de legitimação com relação à sociedade civil, reforçado pelo regime, visando a manutenção dos valores cristãos (SETEMY, 2018).

No início da década de 1960, antes do Golpe, comportamentos diferentes da norma já eram discutidos, especialmente na imprensa, como igualdade entre os sexos, liberdade sexual em decorrência do uso da pílula anticoncepcional, divórcio, etc. No Brasil, mesmo sob a égide da Ditadura Militar, houve influência da contracultura que discutia e pregava essa quebra de padrões, na esteira do cinema de Godard, das músicas dos Beatles e de Bob Dylan. Essas formas de arte, como a música e a moda, eram armas de resistência e se tornaram alvos de perseguição por serem encaradas como contestação à ordem estabelecida (SETEMY, 2018).

A exemplo disso, o presidente Médici expediu o Decreto-Lei nº 1.077, que proibia a circulação de publicações que iam contra a moral e os bons costumes, conforme o qual as obras estrangeiras deveriam ser submetidas a análise, sendo necessária liberação da Polícia Federal (SETEMY, 2008). Ademais, vale salientar que anteriormente ao Golpe de 1964 já existia censura no nosso país. Desde 1889, tal matéria já se constituiu como assunto de polícia e assim permaneceu por muito tempo (LUCENA, 2017, p.60), mostrando que mesmo antes dos militares os governos já se preocupavam com as diversões públicas e como isso poderia ser usado para manter o controle sobre a população.

O modelo de conduta defendido pelo regime militar era propagado por diversos meios de comunicação, bem como as instituições que seriam a base da sociedade brasileira, como a Escola, Igreja e Forças Armadas. A censura se mostrou uma prática do governo, com apoio de setores da sociedade, (LUCENA, 2017, p.61). Evidencia-se, portanto, que a censura a questões polêmicas envolvendo a moralidade não partia apenas do governo, mas da própria população e o Estado usava disso para fazer valer sua autoridade.

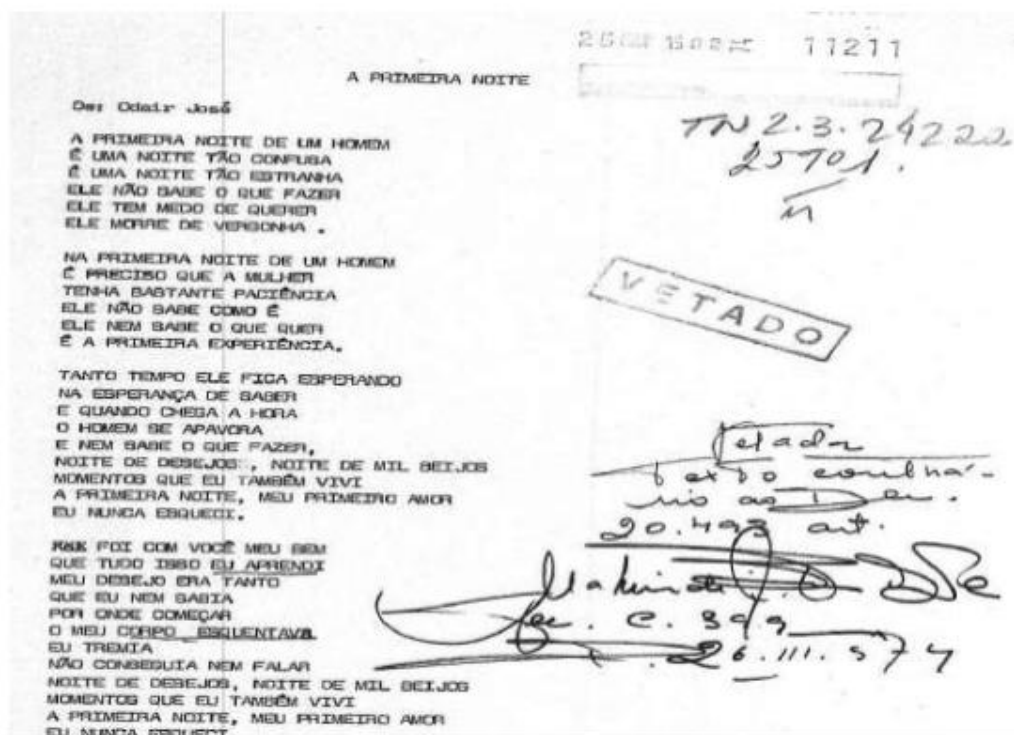
Corroborando o argumento referente ao preconceito sofrido por esses artistas podemos citar o evento Phono 73, que foi organizado pela gravadora Phonogram em 1973. O evento aconteceu em São Paulo, e a gravadora decidiu chamar seu elenco para quatro dias de show. Entre os nomes estavam Chico Buarque, Gilberto Gil, Elis Regina, Gal Costa, Caetano Veloso, entre outros (ARAÚJO, 2015, p.202).

Caetano Veloso decide convidar Odair José para fazer um dueto, os dois apresentariam "*Vou tirar você desse lugar*", Caetano na voz e Odair no violão. Porém, assim que Odair subiu ao palco recebeu uma enorme vaia do público universitário ali presente. Em resposta, Caetano sai do palco enfurecido, mas Odair permanece e sem se importar com a atitude do público começa a tocar e cantar "*Uma vida só (Pare de tomar a pílula)*," canção



que tinha sido proibida de ser reproduzida na rádio e cantada em shows pelo Regime Militar (ARAÚJO, 2015, p.202-205). Com esse ato, consciente ou não, o Terror das Empregadas⁹ mostrou que não se importava com o que aquele público universitário achava dele e que não tinha medo do que o Regime poderia fazer a ele por ir contra um veto que sofreu.

Em 1974, Odair teria outro problema com a censura do Regime. Naquele ano, tentou lançar a canção "*A primeira noite de um homem*", música que narra a experiência da primeira transa de um rapaz. Pela temática certamente era um assunto transgressor para a época. No início de março a letra foi enviada para o DCDP (Divisão de Censura e Diversões Públicas), e foi vetada (CAVALCANTI, 2015).



Fonte: Arquivo Nacional Base de dados: Letras Musicais. Referência: PH.0.TXT.5893 *apud* "Ame, assumo e consuma": Canções, Censura e Crônicas Sociais no Brasil de Odair José (1972-1979)

Transcrição da letra:

A primeira noite de um homem
É uma noite tão confusa
É uma noite tão estranha
Ele não sabe o que fazer

⁹ Odair José teve vários apelidos durante a carreira, como o Terror das Empregadas e o Bob Dylan da Central do Brasil. ARAÚJO, Paulo Cesar de. *Eu não sou cachorro, não: música popular cafona e ditadura militar*. 9. ed. Rio de Janeiro. Editora Record. 2015. p.38.



Ele tem medo de querer
Ele morre de vergonha
Na primeira noite de um homem
É preciso que a mulher
Tenha bastante paciência
Ele não sabe como é
Ele nem sabe o que quer
É a primeira experiência
Tanto tempo ele fica esperando
Na esperança de saber
E quando chega a hora
O homem se apavora
E nem sabe o que fazer
Noite de desejos, noite de mil beijos
Momentos que eu também vivi
A primeira noite, meu primeiro amor
Eu nunca esqueci
*** Foi com você meu bem
Que tudo isso eu aprendi
Meu desejo era tanto
Que eu nem sabia
Por onde começar
O meu corpo esquentava
Eu tremia
Não conseguia nem falar
[...]

A música foi classificada como imprópria para o público jovem. Seria uma má influência por tratar de um assunto tão delicado de maneira explícita, como podemos ver no documento da DCDP:



M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

TÍTULO: A PRIMEIRA NOITE
ESPÉCIE: LETRAMUSICAL
CLASSIFICAÇÃO : NÃO LIBERAÇÃO

*Liberação veto Os
Og 25/07/74*

*W. K. NUNES
Diretor de DCDP*

PARECER 14678/74

A presente letra musical trata de um assunto totalmente inconveniente para um público menor. O autor descreve suas experiências de uma primeira noite de amor, expressando com detalhes as emoções por que passa e todo o condicionamento físico experimentado.

Como a música é de índole popularesca e seria consumida por público jovem, principalmente, torna-se ainda mais contraindicada sua liberação.

Portanto, sugerimos seja não liberada, pois o modo pelo qual o assunto é exposto, torna a letra musical moralmente imprópria para público jovem.

Fonte: Arquivo Nacional Base de dados: Letras Musicais. Referência: PH.0.TXT.5893 *apud* "Ame, assumo e consumo": Canções, Censura e Crônicas Sociais no Brasil de Odair José (1972-1979)

Apesar do veto, Odair alterou o nome da música para *Noite de Desejos*, fez alterações na letra e conseguiu a aprovação e ela saiu no LP *Lembranças*, no mesmo ano:

A primeira vez que eu te amei
Eu sinceramente não pensei
Ficasse tão apaixonado
Eu não queria me prender
Eu só tentava esquecer
Um romance do passado
E foi então que aconteceu
Mais uma vez o amor nasceu
Eu tinha medo e não queria
Mas meu desejo foi maior
E eu que andava sempre só
Fiz de você minha alegria [...]



Noites de desejos, noites de mil beijos
Momentos que eu também vivi
Foi naquela noite a primeira vez
E eu nunca esqueci
Foi com você, meu bem
Que tanta coisa eu aprendi
Meu desejo era tanto
Que eu nem sabia
Nem mesmo o que falar
O meu corpo esquentava
Eu tremia
De tanto me guardar [...] (JOSÉ, 1974)

Como o documento mostra, existe por parte da censura uma ânsia de pretensamente proteger a juventude de um conteúdo que pode corrompê-la. Para os militares, uma das formas de uma invasão comunista acontecer seria por meio da dissolução da Família e da Moral e dos Bons Costumes, o que teoricamente justificaria a Guerra Interna (BRITO). Por isso se justificaria o veto à letra pois ela vai contra os padrões de moralidade defendidos pelo Regime.

Com esses exemplos, percebemos que Odair José foi um verdadeiro *artintelectual* (SILVA, 2017, p.115), embora tenha ficado conhecido por ser um músico cafona e, a partir da década de 1980, de brega, termo este que se tornou popular em razão do sucesso do LP "Brega chique, chique brega", lançado em 1984 (ARAÚJO, 2015, p.377). Apesar disto, indiscutivelmente questionou a moralidade vigente, deu voz a um grupo marginalizado, usando o amor como fio condutor dessas discussões.

SENHOR, EU SOU UM PECADOR

Durante o regime militar a homossexualidade também foi um assunto que incomodava o governo. A exemplo disso temos um documento que mostra o descontentamento do diretor do Serviço Nacional de Informação (SNI), do Rio de Janeiro, acerca do programa de Flávio Cavalcanti, da TV Tupi, por ter mostrado um "travesti", e que aquilo não deveria ser exibido para o grande público. O Estado perseguiu esses homossexuais por serem considerados uma quebra do padrão heteronormativo, mas, até entre os movimentos de esquerda existia preconceito (CABRAL, 2015).



Apesar desse ambiente de repressão e vigilância moral, Agnaldo Timóteo escreveu canções retratando relações homoafetivas, a solidão e dilemas desse grupo marginalizado. Nas músicas *A Galeria do Amor* (1975), *Perdido Na Noite* (1976) e *Eu Pecador* (1977), podemos observar essas crônicas sobre amor e desejos proibidos, como veremos a seguir.

Em 1975, Agnaldo lança o LP intitulado “A Galeria do Amor”, nome da primeira faixa do álbum. Originalmente o nome seria Galeria Alaska, fazendo referência a um famoso ambiente LGBT no Rio de Janeiro, mas o departamento de marketing da gravadora achou melhor alterar o nome para evitar complicações com a censura e com o próprio público, pois Agnaldo possuía uma imagem de “machão” (ARAÚJO, 2015, p. 141-142). A EMI-Odeon tentou recusar a composição, mas Agnaldo rebateu: Gente, isso é uma realidade. Você sai à noite pra passear, chega na Galeria Alaska e encontra centenas de pessoas se paquerando. Isso é um fato real. É preciso falar disso. São milhões de pessoas que vivem dessa maneira: homens com homens, mulheres com mulheres. Não se pode mais fugir dessa realidade hoje no mundo (ARAÚJO, 2015, p.142).¹⁰

E assim a balada foi lançada, com a seguinte letra:

Numa noite de insônia saí
Procurando emoções diferentes
E depois de algum tempo parei
Curioso por certo ambiente
Onde muitos tentavam encontrar
O amor numa troca de olhar
Na galeria do amor é assim
Muita gente a procura de gente
A galeria do amor é assim
Um lugar de emoções diferentes
Onde a gente que é gente
Se entende
Onde pode se amar livremente
Numa noite de insônia saí
E encontrei o lugar que buscava

¹⁰ Entrevista que Agnaldo Timóteo cedeu ao historiador e jornalista Paulo Cesar de Araújo. ARAÚJO, Paulo Cesar de. *Eu não sou cachorro, não: música popular cafona e ditadura militar*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.



A galeria do amor me acolheu
Bem melhor do eu mesmo esperava
Hoje eu tenho pra onde fugir
Quando a insônia se apossa de mim [...] (TIMÓTEO, 1975)

Nos anos 1950, em Copacabana, surgiram as primeiras boates e “inferninhos” e com isso o bairro foi ganhando vários espaços de prostituição sendo um dos mais procurados justamente a Galeria Alaska, lugar inaugurado em 1951. Inicialmente era um lugar de comércio, onde também residiam pessoas de classe média (CARDOSO, MACHADO, 2015).

Por volta de 1958 a mídia começa a representar o lugar como um espaço de marginalidade, que era um lugar para “perversos” e “delinquentes”. Nos anos 1960 começaram ali os espetáculos protagonizados por travestis, e por conta disso e do público do ambiente a Galeria começou a incomodar os moradores da região. Neste contexto, o ambiente passou a ser bastante vigiado pela força policial (CARDOSO, MACHADO, 2015).

Foi nesse lugar onde Agnaldo Timóteo tirou sua inspiração para a música, afirmando que aquilo descrito na canção é real (ARAÚJO, 2015, p.142). Como vemos na letra, o eu lírico começa afirmando que estava andando pela noite e procurando por emoções diferentes, este diferente já remete a algo não comum, no caso uma relação heteronormativa, e continua contando que ficou curioso por certo ambiente, ambiente no qual as pessoas procuram por emoções diferentes, mais uma vez fazendo uma quebra do que seria a “normalidade”.

Outro trecho interessante é quando a personagem canta “Onde a gente que é gente se entende”, já que o termo entendido possui conotação homossexual¹¹. Então, mesmo que de maneira sutil, Agnaldo deixa pistas do teor da música. A letra descreve a Galeria como um lugar de liberdade, onde se pode amar sem medo de ser julgado e que ali a pessoa pode ser quem ela quer.

Em 1976, Agnaldo Timóteo lança o LP Perdido na Noite, e com a música que leva o título do disco mais uma vez faz referência às desventuras da vida noturna:

Estou perdido na noite de muitos
Sempre a procura da mesma ilusão
Estou perdido na noite sozinho

¹¹ CONHEÇA ALGUMAS GÍRIAS DOS GAYS. EXTRA, Rio de Janeiro, 10 de junho de 2007. Diário de S. Paulo. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/conheca-algumas-girias-dos-gays-688350.html>. Acesso em: 30 de maio de 2021.



Pelos caminhos sombrio eu vou
Estou perdido como tantos perdidos [...]
Somos amantes do amor liberdade
Somos amados por isso também
E se buscamos uma cara-metade
Como metade nos buscam também
Estou perdido
Estamos perdidos
Mas a esperança ainda é real [...] (TIMÓTEO, 1976)

Mais uma vez Agnaldo nos mostra um personagem solitário, que procura por um amor na vida noturna, mas que não é o único, “Estou perdido como tantos perdidos”, mais uma vez falando dos excluídos, no caso, os homossexuais, e continua falando que esse grupo é amante da liberdade e que apesar de todas as dificuldades a esperança persiste.

No ano seguinte, 1977, Agnaldo lança o LP *Eu pecador*, e mais uma vez a faixa título fala da questão da homossexualidade, dessa vez fazendo referência a religião cristã:

Senhor, eu sou um pecador
E venho confessar porque pequei
Senhor, foi tudo por amor
Foi tudo por loucura
Mas eu gostei
Senhor, não pude suportar
A estranha sensação de experimentar
Um amor por Vós não concebido
Um amor proibido pela Vossa lei [...]
Senhor, depois de se provar
É difícil parar
De se amar com perigo
Senhor, imploro o seu perdão
Pois pequei por amor
Sem saber que era errado
Senhor, eu sou um pecador
Sou um frequentador
Página | 87



Da esquina do pecado (TIMÓTEO, 1977)

Como fica entendido pela letra, o eu lírico está fazendo uma espécie de prece, pedindo perdão a Deus, afirmando que cometeu um grave pecado, pecado este ligado a um amor proibido. Para a moralidade cristã vigente à época, a homossexualidade não era permitida. Muito embora nosso personagem se sinta culpado e peça desculpas pela quebra da lei divina, continua seu relato afirmando ter gostado e que é difícil deixar o amor proibido depois de o ter experimentado.

Essas três baladas, todas composições de Agnaldo Timóteo e que deram nome aos seus respectivos LP 's, formam a trilogia da noite (ARAÚJO, 2015, p.144), e com elas vemos que ainda que fosse um período de repressão, o artista taxado de cafona tocou em um assunto polêmico e falou de um grupo marginalizado, narrando suas angústias e seu sentimento de solidão.

No início da década de 70 começaram a surgir os primeiros protestos por direitos dos homossexuais, influenciados pela revolta de Stonewall. Não seria diferente no caso do nosso país, vários grupos se inspiraram no ocorrido nos Estados Unidos, mas por conta da repressão do Estado não era viável organizar conflitos diretos. Em razão disso, a questão passou a ser trazida por meio de jornais, como O Lâmpião da Esquina, que começaram a fazer divulgação de questões sociais e sexuais relacionadas a esses grupos (BELIN, 2020, p.10-11). Vale ressaltar que aconteciam patrulhas por meio das rondas policiais nos ambientes ligados a esses grupos, sendo alvos de suas “batidas” os gays, lésbicas e travestis, que não só eram presos em razão tão somente de sua sexualidade, bem como sofriam torturas mais agressivas por parte da repressão¹².

Com isso posto, percebemos que as composições de Agnaldo Timóteo estavam em sintonia com as questões sociais envolvendo os grupos de homossexuais durante o regime militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer do trabalho, artistas que foram chamados de “cafona” pela mídia e setores acadêmicos com teor de desdém escreveram canções questionando a moralidade vigente no período da Ditadura Militar, a exemplo de Odair José, colocando em

¹² PUFF, Jefferson. LGBTs sofriam torturas mais agressivas, diz CNV. BBC Brasil. Rio de Janeiro. 10 de dezembro de 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210_gays_perseguido_ditadura_rb. Acesso em: 8 de agosto de 2021.



cheque o casamento, falando de sexo e desejos, além de colocar nos holofotes a figura marginalizada da prostituta, mostrando que ela merece ser amada e não “interessa o que os outros vão pensar”, demonstrando não apenas sua pouca reverência à moral comum, como também, de certo modo, convidando outros a questioná-la e viver conforme sua própria felicidade.

Muito embora não tenha sido o único a falar de tais assuntos, veio a sofrer exclusão na nossa historiografia, fato que ganha ainda mais relevância dado o eco de sua obra mesmo durante um período de tamanha fiscalização moral. A temática da homoafetividade, no caso de Agnaldo Timóteo, também foi trazida ao cotidiano da sociedade comum. Conforme suas letras narram a solidão, os dilemas e a busca de liberdade por esse grupo também estigmatizado, os homossexuais, em um regime que defendia um padrão heteronormativo como uma questão de segurança pública e de interesse do Estado.

Não bastassem os vetos e a fiscalização por parte do Estado, tais iniciativas sofreram represálias por parte da elite intelectual, seja por fazerem fama entre as camadas sociais mais baixas, seja por não seguirem o modelo do que deveria ser o padrão da MPB, com suas canções engajadas de protesto.

E apesar do sucesso, com altas vendas de disco e dos casos de censura, como dito anteriormente, esses artistas ainda são poucos pesquisados na nossa historiografia sobre música brasileira, além de trabalhos que tratem esses artistas como sem importância para a nossa história e como alienados e adesistas ao governo militar. Contudo, com os exemplos supracitados neste trabalho vemos que tais nomes são uma fonte importante para a produção cultural brasileira na década de 1970.

FONTES:

A GALERIA do Amor. [Compositor e intérprete]: Agnaldo Timóteo. Não informado: ODEON, 1975. LP.

CAVALCANTI, Ivan Luis Lima. "Ame, assumo e consuma": canções, censura, e crônicas sociais no Brasil de Odair José (1972-1979). 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8089>. Acesso em: 30 maio 2021.

COLUMBIA RECORDS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Columbia_Records&oldid=60584591>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

EU pecador. [Compositor e intérprete]: Agnaldo Timóteo. Não informado: Odeon, 1977. LP.



EU vou morar com ela. Compositor: Odair José; Rossini Pinto. Intérprete: Odair José. Rio de Janeiro: CBS, 1971. LP.

MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

NOITE de Desejos. [Compositor e intérprete]: Odair José. Rio de Janeiro: Polydor, 1974. LP.

ODAIR JOSÉ - A CENSURA , A PÍLULA E O FILHO DE JOSÉ E MARIA | 50 ANOS DE CARREIRA | PARTE 3. Rio de Janeiro: Não informado, 2020. Digital, Colorido. Disponível em: <https://youtu.be/LCxYytKyevU>. Acesso em: 30 maio 2021.

ODAIR JOSÉ | MUSIC THUNDER VISION. Direção de Luís Thunderbird. Roteiro: Luís Thunderbird. São Paulo: Music Thunder Vision, 2019. Digital, color. Disponível em: <https://youtu.be/6JRdNBWZN4o>. Acesso em: 30 maio 2021.

ODAIR JOSÉ – DE MORADOR DE RUA AO CONTRATO COM A CBS | 50 ANOS DE CARREIRA | PARTE 1. Rio de Janeiro: Não Informado, 2020. Digital, color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tshg8vhIZE4>. Acesso em: 30 maio 2021.

PERDIDO na Noite. [Compositor e intérprete]: Agnaldo Timóteo. Não informado: Odeon, 1976. LP.

PUFF, Jefferson. LGBTs sofriam torturas mais agressivas, diz CNV. BBC Brasil. Rio de Janeiro. 10 de dezembro de 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141210_gays_perseguido_ditadura_rb. Acesso em: 8 de agosto de 2021.

Vou tirar você desse lugar. [Compositor e intérprete]: Odair José. Rio de Janeiro: CBS, 1973. Compacto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu não sou cachorro, não**: música popular cafona e ditadura militar. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Roberto Carlos em detalhes**. Rio de Janeiro: Planeta, 2006. 504 p. ISBN 8576652255.

BELIN, Matheus de Oliveira. **História da homossexualidade no Brasil: abusos, perseguições, repressões e o avanço do movimento LGBT+**. Orientador: Ricardo Neumann. 2020. 21 p. TCC (Licenciatura em História) - Universidade do Sul de Santa Catarina, não informado, 2020. Disponível em: <https://www.riuni.unisul.br/handle/12345/12406>. Acesso em: 8 ago. 2021.



BRITO, Antonio Mauricio Freitas. A subversão pelo sexo: representações anticomunistas durante a ditadura no Brasil. **Varia História**, Salvador, v. 36, n. 72, p. 859-888, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/5sYvKBJ35jH3JGGFyQyBNFf/?lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2021.

CABRAL, Jacqueline Ribeiro. ARQUIVOS DA REPRESSÃO: representações sociais da diversidade sexual e de gênero na ditadura militar. In: SEMINÁRIO DE SABERES ARQUIVÍSTICOS, 8., 2017, João Pessoa. **Anais [...]**. [S.L.]: Não Informado, 2017. p. 79-91. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/viii/sesa/paper/view/4614/2779>. Acesso em: 30 maio de 2021.

CARDOSO, Silvia Oliveira; MACHADO, Heitor Leal. "A Galeria do Amor": idade, corpo e emoções na música de agnaldo timóteo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 18., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Não Informado, 2015. p. 1-15. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/A-Galeria-do-Amor%3A-Cidade%2C-corpo-e-emoções-na-de-Cardoso-Machado/a9bb37a2a7524ffcf1cc04a398eae5c77466143>. Acesso em: 30 maio de 2021.

CARLA DE MEIS, M. D. **PROSTITUIÇÃO, MARGINALIDADE E CIDADANIA**. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/ii_congresso_internacional/mesas_redondas/ii_con._prostituicao.pdf. Acesso em: 30 de maio de 2021

CAVALCANTI, Ivan Luis Lima. **Ame, assumo e consumo, censura e crônicas sociais no Brasil de Odair José (1972-1979)**. 2015. 141f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8089?mode=full&locale=pt_BR. Acesso em: 20 de junho de 2021.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. EM REGIME DE COLABORAÇÃO: segurança nacional e gênero em cartas à censura no Brasil dos anos 1970. In: DUARTE, Ana Rita Fonteles; SILVA, Jailson Pereira da; LUCAS, Meize Regina de Lucena. **Dizer é poder: escritos sobre a censura e o comportamento autoritário (1964-1985)**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017. p. 33-56.

LUCAS, Meize Regina de Lucena. USOS DO PASSADO: entre a censura e a representação no cinema brasileiro. In: DUARTE, Ana Rita Fonteles; SILVA, Jailson Pereira da; LUCAS, Meize Regina de Lucena. **Dizer é poder: escritos sobre a censura e o comportamento autoritário (1964-1985)**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017. p. 57-76.

NAPOLITANO, Marcos. **HISTÓRIA & Música: História cultural da música popular**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 120 p.

SETEMY, Adrianna Cristina Lopes. Vigilantes da moral e dos bons costumes: as condições sociais e culturais para a estruturação política da censura durante a ditadura militar. **Topoi. Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 171-197, jan./abr. 2018. Disponível em: <www.revistatopoi.org>.

SILVA, Jailson Pereira da. Dizeres sobre música e política no Brasil pós-64: o jardim da política e a arte em tempos de liberdade. In: DUARTE, Ana Rita Fonteles; SILVA, Jailson Pereira da; LUCAS, Meize Regina de Lucena. **Dizer é poder: escritos sobre a censura e o comportamento autoritário (1964-1985)**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017. p. 111-123.



SOUZA, Vinícius Rodrigues Alves de. **QUEM NOMEIA A MÚSICA BREGA?** In:
<http://www.ecus.ihac.ufba.br/textos/quemnomeiaamusicabrega.pdf>. Acessado em:
10/06/2013.

**A utilização e reprodução de imagens, figuras, mapas, tabelas, gráficos, dados e citações neste artigo é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es). A Equipe Editorial da Revista Historiador, bem como os revisores, não tem qualquer responsabilidade sobre as escolhas realizadas pelo(s) autor(es).*